

# **Diaconia, crises e COVID-19: da adversidade à transformação**

Diakonia, crisisand COVID-19: fromadversitytotransformation

*Dionata Rodrigues de Oliveira\**

*Márcia Eliane Leindecker da Paixão\*\**

 <https://doi.org/10.29327/256659.12.1-11>

## Resumo

Este artigo se propõe a identificar as possibilidades da atuação diaconal da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil-IECLB diante da crise causada pelo COVID-19, que se instaura e que trará relevantes consequências para o contexto sócio-político no país. Ao início do artigo, há um relato da experiência diaconal do Sínodo Nordeste Gaúcho<sup>1</sup> e sua forma de atuação na pandemia de 2020. A partir de uma reflexão da relação entre crise e Diaconia transformadora, o artigo segue fazendo um retorno às origens e a fatos da história diaconal da IECLB, demonstrando como a Igreja atuou pela diaconia nestes tempos difíceis já ocorridos.

Palavras-chave: Diaconia. Crise. Pandemia. COVID-19.

## Abstract

This article aims to identify the possibilities of the diaconal action of the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil-IECLB in face of the crisis caused by COVID-19, which is taking place and which will bring relevant consequences for the socio-political context in the Country. At the beginning of the article, there is a report of the diaconal experience of the Sínodo Nordeste Gaúcho and its way of acting in the 2020 pandemic situation. Based on a reflection on the relationship between crisis and transforming diakonia, the article returns to the origins and facts of the diaconal history of the IECLB, demonstrating how the Church and its Diakonia has acted in these difficult times that have already occurred.

Keywords: Diakonia. Crisis. Pandemic. COVID-19.

## Introdução

Este artigo se propõe a estudar a relação entre a Diaconia e o enfrentamento de crises existentes, sejam elas de ordem social, política, econômica ou sanitária. O atual cenário mundial reflete muito bem este desafio que a sociedade vive, principalmente pelo enfrentamento e combate ao vírus COVID-19 e diversas medidas tomadas, que geram consequências quase que impossíveis de serem

---

\* Diácono, Doutorando em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade EST, São Leopoldo (RS). Bolsista CAPES E-mail: [dionataoliveira@yahoo.com.br](mailto:dionataoliveira@yahoo.com.br).

\*\* Diácona. Doutora em Educação e professora na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: [marciapaixao12@gmail.com](mailto:marciapaixao12@gmail.com)

evitadas, como o desemprego e o consequente empobrecimento da população, as divergências de opiniões, disseminação de *fakenews* e os embates entre diferentes posições político-partidárias.

A situação torna-se ainda mais conflitante se analisarmos a conjuntura de países que, a exemplo do Brasil, vivem uma crise pandêmica, mas não apenas. Esta é agravada no país pela inconsistência política do governo de Jair Bolsonaro, o qual promove uma irrefletida necropolítica com uma falta de uniformidade, bem como transparência e reflexão científica, quando se pensa em ações para se passar por esta crise de forma a evitar o agravamento de suas naturais consequências.

Para compreender como se dá a relação entre Diaconia e o COVID-19, precisaremos nos valer de uma história que evidencia uma prática e que a fundamenta na contemporaneidade, aqui expressada na prática diaconal havida no contexto do Sinodo Nordeste Gaúcho. Também se sabe de que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), desde o que é conhecido como o marco oficial de sua chegada ao país em 1824, atravessou muitas crises de diferentes ordens.

A primeira delas foi logo em sua chegada. As pessoas que imigraram de regiões da Europa para ao Brasil, vinham na maioria das vezes em busca de um novo local para recomeçar a vida e de melhores condições para vivê-la, enfrentando uma série de adversidades. Entretanto, se apenas delimitamos as crises para questões sanitárias, o Brasil enfrentou, bem como o restante do mundo, quatro grandes conhecidas pandemias: A Gripe Espanhola, de 1918, bem como duas das variações do vírus influenza, H2N2, Gripe asiática, em 1957, e 1968, Gripe de Hong Kong, a gripe H3N2, e em 2009, a Gripe H1N1, inicialmente chamada Gripe suína. (Sanarmed, sem página, 2020).

A pergunta que norteia este artigo é: Qual a relação da ação diaconal da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil com a superação de crises como a pandemia de 2020, que possui reflexos mútuos na política cristofascista atual e sua ação que promove a morte?

### **A diaconia em tempos de COVID-19: relato de experiência do Sinodo Nordeste Gaúcho**

Segundo fontes da Organização Mundial de Saúde, o coronavírus tornou-se a maior pandemia já conhecida e que, ao menos até a data de 15 de maio de

2020, apenas 12 países não haviam registrado nenhum contágio.<sup>2</sup> Diante deste cenário, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil decidiu, em reunião de pastores e pastoras sinodais<sup>3</sup> e presidência da Igreja, suspender suas atividades presenciais por tempo indeterminado. Entretanto, um setor da Igreja recebeu especial atenção e destaque. A Diaconia foi rapidamente associada a uma resposta da Igreja para atendimento e acolhimento de pessoas em situação de dificuldades ou vulnerabilidades causadas pela pandemia.

A partir deste panorama, o Sínodo Nordeste Gaúcho, possuindo uma coordenação sinodal de Diaconia<sup>4</sup> e um diácono contratado como assessor de Diaconia<sup>5</sup> decidiu adotar uma forma de ação diaconal. Na impossibilidade de centralizar as ações, devido a que cada contexto e cada município possui suas necessidades e urgências, bem como regras próprias baseadas nos resultados das pesquisas da Universidade Federal de Pelotas, sobre o distanciamento controlado, o Sínodo decidiu atuar a partir de campanhas diaconais, para que cada Paróquia também possa avaliar seu contexto e aplicar a ideia de uma campanha diaconal a ele. Entretanto, antes de iniciar a primeira Campanha, a Coordenação Sinodal de Diaconia emitiu uma carta sobre a urgência e necessidade de ações diaconais, bem como sua capacidade não só de atuar no combate, mas na eliminação de suas causas.

A carta enviada pela Coordenação Sinodal da Diaconia, no dia 7 de abril de 2020, inicia com as seguintes palavras:

Pois o próprio Filho do Homem, veio, não para ser servido, mas para servir e dar Sua vida em resgate por muitos”. (Marcos 10.45) Vivemos dias difíceis! Entretanto, devemos seguir o exemplo de Jesus Cristo e servir em resgate por muitas pessoas. Pensando nesse momento delicado, a assessoria sinodal de Diaconia e Coordenação Sinodal de Diaconia tem um convite para você e sua Comunidade: o de servir e atuar no combate ao vírus COVID-19(Sínodo nordeste gaúcho, 2020, p. 1).

A partir de uma fundamentação bíblica, o que reflete a identidade diaconal e que está no pano de fundo das ações, a carta fala brevemente sobre o contexto que se vive e evidencia nossa responsabilidade enquanto pessoas que servem em amor, por fé, baseadas no exemplo de Jesus Cristo. Isto é a identidade diaconal! Na sequência, a carta segue frisando que é necessária toda forma de cuidado profilático, desde o pensar até o executar das ações diaconais. Contudo, há um convite que a teoria teológico-diaconal nos faz. A carta continua dizendo:

De antemão, reforçamos que toda forma de cuidado deve ser adotada (lavar as mãos rotineiramente, evitar aglomerações, isolamento social havendo ou não sintomas). Entretanto, há uma inquietação no ar: onde podemos vivenciar Diaconia neste período em que tanto precisa ser feito? A Diaconia pode e deve atuar para a prevenção da doença e redução dos danos que podem ser causados. Cada contexto possui necessidades específicas que devem ser observadas, assim sendo, convidamos a você e sua comunidade para verificar se algumas destas ações podem ser desenvolvidas como forma de colocarmos nossos DONS A SERVIÇO DA VIDA (Sínodo nordeste gaúcho, 2020, p.1).

O documento é enfático: a teologia prática evidenciada em viés diaconal, a partir da Igreja e suas comunidades de fé, as motiva para agir, pois elas podem atuar não só em combate direto ao vírus, mas desde a prevenção ao contágio e proliferação do COVID-19. A carta segue enunciando ideias de ações diaconais possíveis e necessárias, fornecendo ferramentas para que cada paróquia possa avaliar sua situação, a de seu contexto e assim estabelecer as conexões e diálogos necessários, quer seja com o município, a associação de bairro, os Centros de Referência em Assistência Social, Fundações Hospitalares, etc.

Exercita-se assim, a Diaconia em sua esfera pública e incidência social ou como diria Kjell Nordstokke, em sua palestra sobre Diaconia, na Reunião da Regional Sul da Comunhão Diaconal da IECLB: a Diaconia em sua *vocação, provocação e advocação*. Brevemente explanado, quer dizer que se reflete o papel diaconal de ação e transformação na sociedade, provocando ao diálogo com o contexto e suas necessidades materializadas em pessoas, o que naturalmente conduz à advocação, o chamado para agir em defesa da vida.<sup>6</sup>Em outras palavras, quando se combate a fome ou se trabalha para a conscientização de que medidas de cuidado com a higiene são um caminho para a prevenção, está se trabalhando em frentes de combate prevenindo o contágio.

Há que se mencionar também que trabalhar contra as situações de extrema pobreza é também promover o cuidado com a imunidade e a saúde. Uma alimentação saudável também fortalece o corpo, prevenindo contágio ou reduzindo os danos diante de uma contaminação, evitando mortes, por exemplo.

Junto a esta primeira carta, veio a primeira Campanha Sinodal de Diaconia em Tempos de COVID-19. Esta primeira mobilização visou à atuação direta para provimento dos itens de maior necessidade na época: equipamentos de proteção individual (EPI's). Já nos primeiros dias de medidas restritivas no Brasil, o

que ocorreu por volta da terceira semana de março de 2020, o *Jornal Zero Hora online*, de Porto Alegre, noticiou o seguinte (Zero hora, 2020, sem página): “Farmácias de Porto Alegre registram falta de álcool gel e máscaras”. Neste contexto de falta de equipamentos, a campanha pelas máscaras e jalecos auxiliou na doação para locais que permitiam o uso de máscaras de tecidos como Instituições de Longa Permanência para pessoas idosas ou Casas de Apoio. Foram confeccionadas até a data de 27 de julho de 2020, segundo estimativa do Sínodo Nordeste Gaúcho, 6 mil máscaras em diversas localidades e paróquias pertencentes à IE-CLB. Há também iniciativas apenas informadas ao Sínodo e por consequência não quantificada, sobre a produção de máscaras e jalecos. Sobre os jalecos, o que já é de maior complexidade na confecção, houve menos iniciativas, porém, há que se frisar que, pelo menos 100 foram feitos.

A segunda campanha sinodal visou a doação de alimentos e itens de higiene. Uma das principais celebrações anuais de comunidades evangélico-luteranas é a celebração de Ação de Graças ou Festa da Colheita (geralmente associado ao término de um período de colheitas). Como as celebrações em diversos locais ainda estão suspensas e o Sínodo tem respeitado de forma muito cuidadosa ao mapa do Distanciamento Controlado do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2020, sem página), as Festas da Colheita estão suspensas.

Desta forma, pensou-se se numa atuação que quer promover o cuidado com as pessoas que vivem perdas financeiras e que mais do que nunca viverão em dificuldades e privadas de um dos mais básicos direitos humanos que é de ter, ao menos, 3 refeições diárias.

Assim sendo, concomitantemente à confecção de máscaras, a coordenação sinodal de Diaconia lançou a Ação de Graças Diaconal. No dia 18 de junho de 2020 foi enviada a motivação para as Paróquias, Ministras e Ministros do Sínodo, Conselho Sinodal e lideranças sinodais. Quando da redação deste artigo, o Sínodo ainda estava no período em que usualmente se celebram cultos de ação de graças nos meses de agosto e setembro. Porém, já se possuía o registro de 7 Paróquias que já aderiram à campanha e estavam destinando o que é doado e arrecadado para instituições e famílias de seus municípios.

A última campanha diaconal do sínodo foi em prol da motivação para a doação de sangue. Em função do medo de contágio e distanciamento social, os estoques de doação de sangue têm diminuído em diversas regiões. Basta uma

pesquisa rápida em jornais e mídias para entender o contexto. Diversos meios de comunicação têm noticiado esta baixa nos estoques de sangue de todos os tipos (Gaúcha ZH, 2020, sem página). Alguns municípios com maior carência dispunham inclusive de pessoas encarregadas pela locomoção de doadores e doadoras. Esta campanha foi lançada no dia 7 de julho de 2020 e ainda está em fase de organização por Paróquias e Coordenações Sinodais.

Há outras ações em nível sinodal que continuam acontecendo, mesmo em tempos de pandemia e outras que brotaram da mobilização diaconal do Sínodo Nordeste Gaúcho. Há grupos que já há tempos estão organizados pela Diaconia e outros como da Paróquia do Vale Real/RS que se organizou para distribuir marmitas a pessoas em situação de rua na cidade de Caxias do Sul/RS. Toda esta Diaconia acontecendo no sínodo desperta uma vocação que nos é inerente e brota da fé em Jesus Cristo, a vontade de servir, a Diaconia. Há ações ainda em nível apenas emergencial e pontual, mas que atuam em combate e prevenção ao COVID-19.

### **Diaconia e crise, um diálogo antigo, porém atual...**

Embora não seja possível aprofundar o tema, é impossível continuar o diálogo sem minimamente explicar a palavra *crise*, ainda que esta seja muito conhecida. De acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa temos a seguinte definição da palavra crise: “Momento perigoso ou difícil de uma evolução ou de um processo; período de desordem acompanhado de busca penosa de uma solução.” ou ainda “Momento crítico ou decisivo; Situação aflitiva; fig. Conjuntura perigosa, situação anormal e grave; Momento grave, decisivo.”

Entretanto, o Dicionário Brasileiro de Teologia aproxima a morfologia da palavra crise com sua dimensão espiritual e teológica, o que definiremos a seguir. Sua definição primeira é bastante morfológica:

do grego *Krisis*, ou do latim *crisis*. Na língua portuguesa, refere-se a uma mudança brusca no estado evolutivo de uma pessoa. Pode ser um estado considerado perigoso ou difícil para o processo pessoal evolutivo. Trata-se de um estado de desordem e confusão, conflito ou tensão, porém acompanhado de busca de solução para uma situação (Santos, 2008, p. 217).

Entretanto, ao aproximar o termo do conhecimento teológico, a autora define em algumas palavras o que também é conhecido como uma das dimensões da Diaconia, abordado por Kjell Nordstokke. Vejamos primeiro a definição de Rosylene Alves dos Santos após, façamos a comparação com Kjell Nordstokke.

Em termos teológicos, crise se relaciona com os termos consciência, [...], crescimento e conversão. Crise é um termo usado para expressar etapas evolutivas de desenvolvimento da vida. Trata-se de momento de tomada de consciência que pode ter sido influenciado por momentos de crise que, por sua vez, podem ter sido influenciados pela busca de crescimento. Este crescimento é passível de crises, pois vai do menor para o maior, do imperfeito para o perfeito, de iniciado para consumado. A Bíblia usa a noção de progresso do estado natural para o sobrenatural (Allmen, p. 74) como se o acesso à salvação fosse dado como recompensa. Ou seja, a crise é como possibilidade transformadora em seu processo de fé (Santos, 2008, p. 217).

Sendo a Diaconia a ação que deseja promover a dignidade da vida, mediante ações de amor pela fé, ela visa a um processo de autonomização de pessoas, transformando-as em protagonistas de sua transformação pessoal que a conduz de um local de sofrimento para a vida em abundância (Gaede, 2008, p. 288.). Ou seja, assim como ressalta Rosylene Alves no verbete do dicionário brasileiro de teologia, há imbricado um processo de transformação e fé. É nesta perspectiva que Kjell Nordstokke define a expressão Diaconia Transformadora:

A fé cristã tem sua base na transformação. Martim Lutero dizia: “A Igreja está sempre em reforma”. Transformar pressupõe mudanças. [...] A transformação implica ação. Sair do casulo, deixar o velho e tornar-se nova criatura é ação concreta. O agir em nome de Deus não pode ficar na boa vontade ou na teoria. Transformar pressupõe alterar. Neste processo de alterar, mudar, transformar, é muito importante não agir sem reflexão. Por isso, quem atua na transformação precisa de “clareza teórica e paixão existencial”. [...] Sim, é preciso transformar estruturas quando estas servem como geradoras de morte (Nordstokke, 1995. p. 66).

Desta forma, a teoria diaconal que tem como objetivo a formação para se atingir uma Diaconia Transformadora em diálogo com o verbete crise do Dicionário Brasileiro de Teologia nos permite vislumbrar que a crise é sempre uma oportunidade para a transformação de situações conflituosas, situações essas que podem até mesmo ser motivadoras para a morte e a injustiça como é o caso da crise pandêmica da COVID-19.

É impossível negar, após esta explanação dos termos, que a IECLB e outras igrejas, ao reforçarem sua dimensão diaconal em meio à crise, vão na contramão de boa parte daquilo que pensa o mundo evangélico no contexto brasileiro. Sendo a IECLB uma Igreja Evangélica, ela destoa da visão negacionista, conservadora e cúmplice do cenário que vai se intensificando no país rumo ao caos e sobrecarga do sistema público e privado de saúde. Entretanto, é necessário dizer que a postura diaconal de cuidado é resguardada por lideranças e direção da Igreja.

Há, em diversos locais do país, pessoas membras da IECLB que corroboram com a visão cristofacista do presidente Jair Bolsonaro o qual defende uso de medicamentos não comprovados cientificamente, o não uso de máscaras, pois se trata de uma “focinheira ideológica” e em meio ao caos prefere negar a vacina colocando pautas de interesse necropolítico à frente na votação em sessões da Câmara e do Senado Federal em detrimento de políticas públicas de combate ao cenário que se cria mediante tal conjuntura. Desta forma, em sua pauta conservadora, ele angaria uma parcela expressiva de pessoas católicas e evangélicas brasileiras.

A precariedade de políticas sociais e solidariedade se tornou parte da agenda do governo Bolsonaro desde sua implementação. E se evangélicos são parceria nesta precariedade, isto significa que a solidariedade perdeu espaço entre aquelas que deveriam ser suas promotoras (Almeida 2019; Brugot e Cormeru 2019; Oliveira 2020). Desde que religiosos evangélicos são mantenedores da popularidade de necropolíticas (Mbembe 2018), se tornaram vetores da modalidade de Cristofacismo, ou sobrescitofacismo, defenderam e o proclamaram como parte da vida dos valores do cristianismo. (Py 2009). Assim sendo, não é surpresa (mas é lamentável) que, no enfrentamento de uma sem precedentes crise na saúde, a pandemia de COVID-19, a maior parte de evangélicos tem sucumbido ao discurso que cria falsos impasses, baseados em suas crenças que, se as políticas públicas de saúde necessárias para combater o COVID-19 são aplicadas, isso irá causar danos à economia (Kibuuka, 2020, sem página).

Entretanto, estas pautas conservadoras trazidas à tona por Bolsonaro e sua relação com o COVID-19 brota da existência de outros fatos diretamente relacionados. Conforme Kibuuka em seu artigo *Complicity and Synergy Between Bolsonaro and Brazilian Evangelicals in Covid-19 Times*, uma agenda neoliberal promotora da corrosão da solidariedade, que empodera um Estado mínimo de direitos e fortalece a noção da meritocracia está presente desde o surgimento do neoli-



beralismo e afeta massas de pessoas evangélicas, pois muitas vezes os meios de comunicação de ambos se cruzam, sendo midiáticos por essência. Não obstante, nos períodos de pandemias, ambos são negacionistas e temem políticas públicas e ações que promovam justiça social, pois elas equacionariam uma balança que de acordo com a meritocracia e com a teologia neoliberal está aí por alguma razão.

Bênçãos e riquezas, de acordo com ambas se alcança por mérito ou por trabalho árduo. O contexto da pandemia de 2020 trouxe novamente todos estes desafios à tona.

Caracterizando a arquitetura do Messias criado pela liderança do governo de Bolsonaro, eu sublinho alguns elementos conceituais que eu chamo de “Cristofascismo Brasileiro”. O Cristofacismo da gestão bolsonarista é promovido no contexto de uma “teologia política autoritária” (Schmitt 1988), baseado na atmosfera apocalíptica do coronavírus, com base no “ódio da pluralidade democrática” (Ranciêrie 2014). Seu ódio é expresso nas técnicas de promoção da discriminação e, principalmente, por instâncias discriminatórias e atitudes em direção ao setor “heterodoxo” (Bolsonaro 2020a; Bolsonaro 2020b). Isto foi visto na expansão do coronavírus no Brasil que amplificou seu apelo antidemocrático habitual de fôlego econômico que justifica a “política de morte” (“necropolítica”; Mbembe 2014; Butler 2020) – contra a população mais pobre, pessoas idosas, diabéticas, e pacientes hipertensas (Bolsonaro 2020a; 2020 b) (Py 2020, sem página).

Assim sendo, este Jair Messias é entendido por alas conservadoras evangélicas como o salvador, criando-se assim, um cristofacismo brasileiro, que olha, não pela doença ou pela pandemia, mas para que as estas alas, juntamente com grandes empresários não tenham seus privilégios mitigados em prol de uma população à margem e que historicamente teve seus direitos cerceados (pobres, LGBTQI+, pessoas negras, mulheres, pessoas com deficiência, pessoas idosas). Bolsonaro encontrou forças nestas alas, cujos alguns interesses se cruzavam, que por sua vez se sentiram legitimadas a lutar por suas agendas misóginas, homofóbicas, racistas e a uma só voz proclamaram “Brasil acima de todos. Deus acima de tudo”, em coro com o slogan nazista de Hitler que também usava o nome de Deus em seus pronunciamentos (Py, 2020, sem página).

Neste intento de compreender em que contexto a IECLB está inserida no cenário religioso nacional, mencionamos agora os sete atos do cristofascismo de Bolsonaro em sua atuação na pandemia, trazido por Fábio Py no livreto *Pande-*

mia Cristofascista empoderando a si e à Frente Parlamentar Evangélica aliada a alas conservadoras de outras Igrejas como a Católica Romana, conquistando “fiéis” em sua atuação. O primeiro ato foi o de convocar a população para que no dia 5 de abril de 2020 fizesse um #JejumoPeloBrasil para que Deus livrasse a nação do vírus COVID-19. Seu segundo ato já ocorreu no dia 8 de abril, quando este recebe uma expedição de pessoas católicas com a imagem de Nossa Senhora de Fátima, para que esta livre o Brasil do Comunismo.

Pessoas inclusive demonstraram este ato como sua redenção diante da Teologia da Libertação que teve forte movimento em seio Católico Romano na América Latina. O terceiro ato foi também em 8 de abril, quando ele afirma que o país vivia um momento “ímpar na história, e ser presidente é olhar todo e não apenas as partes”. (Py, 2020, p.33). Assim ressaltou que trataria da economia e da pandemia e que se deveria seguir João 8.32: E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará. O quarto ato foi na Sexta-Feira Santa quando o presidente posta uma imagem de Cristo crucificado.

O quinto ato do cristofascismo foi no Sábado de Aleluia, quando Bolsonaro postou o vídeo que indicava sobre sua fachada tendo como fundo uma música evangélica e em sua fala na postagem diz: “o momento mais difícil da minha vida (pausa), eu só pedia que Deus não deixasse órfã a minha filha de sete anos” (Py 2020, p.36). O sexto ato foi no domingo de Páscoa pela manhã. Ele postou o versículo de João 3.16, uma foto do túmulo aberto e vazio e um dizer “Ele ressuscitou”. O sétimo ato foi também no domingo de Páscoa, uma reunião com lideranças religiosas em que no fim do vídeo ele refaz a trajetória de sua faca, comparando-a com o martírio de Cristo. Também afirma que como milagre sobreviveu para vencer as eleições e que a Páscoa, para ele tem um sentido todo especial por isso, pois estava destinado a “salvar o país”. (Py 2020, p. 31-37)

Nesse sentido e com este cenário como pano de fundo do contexto atual, podemos nos perguntar que conhecimentos decorrem da Diaconia que podem potencializar a vida de forma profética e libertadora, bem como em ações que resgatem a solidariedade, a justiça, a igualdade e os direitos das pessoas. A crise é excepcional e passageira, ainda que esta esteja sendo mais longa do que o esperado, mas pode ser um potencial de superação e compreensão pelos fatores que a provocam. Assim, a seguir, recorreremos à história da diaconia na IECLB e

como se viveu diaconia como fator de superação de crises, projetando pistas para ações neste momento de pandemia.

### **A diaconia na primeira crise do luteranismo em solo brasileiro**

Ainda que sob algumas discordâncias sobre o que tange ao assunto é aceito e ensinado que o luteranismo chega ao Brasil em 1824, constituindo assim, formalmente, a sua história em terras brasileiras, a partir das primeiras pessoas que imigraram de países como a Alemanha.<sup>7</sup> Aliado a este luteranismo sempre esteve a leitura e análise dos contextos, ou simplificando, a tentativa de imigrantes de entenderem como viver neste novo país. A pergunta que norteava os e as imigrantes era, segundo Gisela Beulke (Beulke, 2007, p. 144): Como viver e ser igreja neste novo contexto?

Advindos de muitos locais da Alemanha e até mesmo de outros países, muitas das pessoas imigraram para o Brasil, fugindo de um contexto de guerras, fome ou miséria (Prien, 2001, p. 25). O trajeto percorrido de navio já havia sido uma verdadeira peregrinação, pois as condições sanitárias, falta de alimentação minimamente nutritiva ou acesso às necessidades básicas humanas eram condições adversas que se apresentavam. Ao chegarem ao Brasil estas pessoas recebiam terras para cultivar, mas na maioria das vezes a realidade estava longe das promessas que receberam.

Como orientação recebiam apenas a direção para onde deveriam ir e como chegar até o local, em meio às precárias estradas ou matas fechadas, onde deveriam abrir espaço e passagem (Prien, 2001, p. 25). Diante de toda dificuldade e problemas enfrentados para a adaptação ao novo contexto, uma possível solução encontrada foi a partir da solidariedade ou nas palavras de Gisela Beulke: na prática diaconal espontânea.

Os imigrantes que mais tarde formariam a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), alemães, suíços, holandeses, dinamarqueses e outros, quando vieram ao Brasil a partir de 1822, trouxeram suas diferentes tradições e sua vida religiosa. Considerando as condições adversas encontradas na nova terra, um aspecto comum da sua vivência deve ter sido a solidariedade. O apoio mútuo entre os vizinhos era também a forma de concretizar sua fé no cotidiano. Essa Diaconia era espontânea, e sua aprendizagem também acontecia espontaneamente. Para as partei-

ras, por exemplo, não havia cursos que elas pudessem frequentar. Seus conhecimentos eram passados de pessoa para pessoa e de uma geração à outra. Não sabemos precisar o tempo em que a Diaconia no Brasil passou para um nível mais profissional. Essa história ainda carece de um estudo científico mais aprofundado (Beulke, 2007, p. 144).

Scheila dos Santos Dreher também aponta para a solidariedade:

A sobrevivência nas primeiras décadas na nova pátria só foi possível graças aos laços de solidariedade que se criaram entre famílias teuto-brasileiras. Sempre que necessário, homens e mulheres organizavam mutirões: para o plantio e para a colheita, para a construção das casas ou do “prédio” que abrigaria a escola e/ou a igreja, para o preparo dos festejos nas comunidades evangélicas (Dreher, 2016, sem página).

Com o passar dos anos esta prática de solidariedade espontânea passou a chamar-se de Diaconia, quando a reflexão ao redor do assunto recebeu maior compreensão teológica. Entretanto, sabe-se que esta preocupação pelo bem-estar, baseada inicialmente na solidariedade e aliada à fé que imigrantes trouxeram consigo, materializada em catecismos, hinários e a Bíblia, gerou comunidades locais com características fortemente diaconais. Atendendo a necessidades pontuais, atuaram, e de forma concreta transformaram contextos de sofrimento em força e resiliência para a continuidade da vida social e religiosa, até então não separadas de forma tão evidente (Prien, 2001, p. 50). Aqui se evidencia algo que merece ser salientado: com a Diaconia na forma de ações solidárias espontâneas pessoas aprenderam a lidar com os imprevistos que aconteciam, exigindo de imigrantes uma postura nova e solidária.

Aqui já há fortes argumentos para salientar que, se crise é, segundo o dicionário, momento conflitivo, difícil, mas também decisivo, a chegada da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil foi uma crise vivida. Crise que conduz a muitas outras consequências de diferentes ordens. Embora diferente da crise do vírus corona de 2020, esta crise de 1824 e anos posteriores, representou também um momento decisivo, inclusive para o posterior desenvolvimento ou ruptura da religiosidade e confessionalidade que imigrantes trouxeram consigo. A crise que esta chegada ao país representou culminou em diversas dificuldades. Os locais que estas famílias recebiam eram remotos e longe dos grandes centros urbanos, o que dificultava acesso aos recursos possíveis e necessários naquela época. As crianças não conseguiriam receber a educação básica. As doenças, na maior parte das vezes eram tratadas com o que se conhecia da medicina popular.

Assim sendo, a exemplo da pandemia hoje vivida, havia dificuldades de ordem sanitária e social.

Duas soluções foram imediatamente trazidas para a reorganização do caos trazido pela crise. Uma delas foi a busca pela educação, para as crianças e jovens, mas a de atuação imediata foi a prática da solidariedade espontânea, assim mencionada por Gisela Beulke em seu artigo. Esta prática acontecia mediante conhecimentos da área do cuidado que as pessoas trouxeram consigo por experiências em seus países.

Os conhecimentos na área da enfermagem e parteiras, mesmo que de forma precária e com instrumentos diferentes do usual eram passados adiante para que não se perdesse o cuidado e que minimamente isto estivesse garantido. Entretanto, a prática solidária espontânea não se baseou apenas nisto. Houve muita solidariedade acontecendo como partilha de alimentos, cuidado com as crianças da vizinhança, enquanto a família preparava a lavoura, apoio para a construção de casas, galpões, celeiros e estrebarias. A esta prática solidária (Beulke, Gisela, 2007, p. 144), anos mais tarde, deu-se o nome de Diaconia. Assim concluímos que, desde que a IECLB se reconhece em sua história, a ação diaconal esteve lá como elemento quase que imprescindível para o enfrentamento de crises.

Não é possível conferir precisão de quando a prática solidária espontânea recebeu o nome de Diaconia na história da IECLB. Entretanto, toda esta prática recebeu uma nova organização com a necessidade e a chegada das primeiras diaconisas no Brasil, enviadas da Casa Matriz de Kaiserswerth, na Alemanha. Diante deste exposto, seguiremos identificando elementos diaconais da Igreja Evangélica de Confissão Luterana e sua atuação nas pandemias de 1918, 1957 e brevemente, 2009.

### **A diaconia em outras situações de crise**

Se já na primeira crise, que foi a chegada de imigrantes, houve a necessidade de prática diaconal solidária, há no que tange ao assunto de como pode ter sido a atuação diaconal em outros períodos de crise e podemos nos referir a algumas crises pandêmicas ocorridas na história, uma atuação mais especializada, o que não exclui a solidariedade como expressão da ação diaconal. Salientamos que não mencionamos todas as doenças e pandemias ocorridas desde 1824, porém, escolhemos algumas, utilizando-as como fonte de referência para exemplificar crises vividas. Em 1918 houve o que foi chamado de Gripe Espanhola, men-

cionada como a *mãe das epidemias*. Em 1957 e 1968, houve variações desta gripe, menos expressivas do que a de 1918, mas que também atingiu a muitos países e que viralizou pelo Brasil, iniciando seu contágio pelos portos de Recife, Salvador e Rio de Janeiro, através de uma embarcação vinda de Lisboa. Em pouco mais de duas semanas, a doença já havia chegado em São Paulo e no interior do Nordeste.

A gripe espanhola instaurou terror no Brasil, acabou matando o presidente eleito Rodrigues Alves e paralisou o comércio e as escolas. Segundo historiadores, essa foi a maior pandemia do século XX e fez 50 milhões de vítimas. O jornal *Gazeta de Notícias* estampava notícias sobre a grande epidemia. Na edição do dia 15 de novembro de 1918, trazia, na capa, que o Rio de Janeiro era um vasto hospital (Migalhas, 2020, sem página).

Se, por um lado, esta citação menciona apenas o fato ocorrido no Rio de Janeiro, este exemplifica um cenário que não foi diferente do restante do país. No período de duração da pandemia, de outubro a dezembro de 1918, estima-se que 65% da população brasileira tenha sido atingida, bem como ocasionou, no Rio de Janeiro, 14.348 mortes, contabilizando ainda outras 2.000 na cidade de São Paulo (Rocha, [201-], sem página). O ano de 1957 trouxe consigo uma nova pandemia, o vírus H2N2, embora fosse uma variação do vírus influenza, que assolou o mundo em 1918. Esta nova gripe ficou conhecida na história como gripe asiática.

A pandemia de Gripe Asiática começou em fevereiro de 1957 na China e se difundiu em duas ondas com alta morbidade e letalidade que, mesmo sendo menor que a de 1918, levou a óbito cerca de 4 milhões de pessoas. Em 4 de maio de 1957, a OMS recebeu as primeiras notificações de casos e, em 17 de maio, anunciou a ocorrência da gripe no Oriente, prevendo uma epidemia com ampla extensão geográfica. Amostras do novo vírus foram encaminhadas aos laboratórios para produção de vacinas. A gripe asiática afetou entre 40 e 50% das pessoas no mundo, sendo que, destas, 25 a 30% apresentaram a forma clínica típica da doença, benigna, e a maior parte dos óbitos foi por pneumonia bacteriana secundária, predominantemente em pessoas muito jovens ou muito idosas. A mortalidade estimada foi de 1 em 4.000. A incidência foi maior de 50% na faixa etária de 5 a 19 anos de idade (Costa; Merchan-Hamann, 2016, p. 16).

Não desmerecendo a relevância das pandemias da Gripe de Hong Kong (1968-1969), Gripe Russa (1977-1978) ou Gripe Aviária (2003-2004), porém, não

poderemos explaná-las, pois precisamos dar sequência ao artigo, cujo foco é a Diaconia nestes tempos de crise. Continuando a caminhada histórica, temos um registro de atuação diaconal da igreja em situações de crise, vinculada às situações pandêmicas, nos arquivos *online* da IECLB<sup>8</sup>, em 2009, com a gripe suína, H1N1. Quando pesquisado, nos espaços de pesquisa do Portal Luteranos sobre Gripe Suína ou H1N1, os primeiros resultados alcançados são relacionados ao tema Diaconia – Saúde e Alimentação.

Para compreender como IECLB atuou diaconalmente nestes tempos de pandemia brevemente descritos anteriormente, necessitamos fazer uma busca na própria história da Diaconia. Com a chegada das diaconisas luteranas de Kaiserswerth, em 1912 ao país, um novo movimento em relação à Diaconia surgiu. Passou-se a pensar mais em criação e manutenção de instituições e formação mais especializada para algumas áreas do cuidado. Entre estas instituições esteve a atuação junto a hospitais. Além disso, segundo a Coordenadora de Diaconia da IECLB, Diácona Ma. Carla Vilma Jandrey, houve algumas iniciativas comunitárias na área da saúde, pois eram montados quase que *mini postos de saúde popular* na área do cuidado, fitoterapia, tinturas e alimentação. Isso nos faz perceber que o cuidado com a saúde popular e o respeito para com a criação é uma antiga marca diaconal da IECLB (Jandrey, 2020, p. 01).

A seguir, denominamos locais onde houve atuação e contribuição de irmãs diaconisas, no período anterior à fundação da Casa Matriz de Diaconisas em São Leopoldo, em 1939. Conforme relata Ruthild Brakemeier (Brakemeier, 2019, p. 63-68.)

- a) Blumenau, SC, 1920: fundação do Hospital Evangélico de Santa Catarina. Em 1929 já havia oito irmãs trabalhando no hospital. Em 1923 ficou pronta a maternidade deste hospital, onde também atuaram irmãs que atendiam não só partos no hospital, mas também nas casas, como era de praxe na época;
- b) Timbó, SC, 1937: um grupo de mulheres desta comunidade fundou uma pequena maternidade onde, por 29 anos, atuou a Irmã Helene Süss;
- c) Brusque, SC<sup>9</sup>: a Irmã Margarethe Spieweck trabalhou por muitos anos na área da saúde e no cuidado nesta cidade;
- d) Rio do Sul, SC, 1930: neste ano uma irmã já atuava neste hospital. Em 1932, Irmã Louise Simon foi encarregada como diretora interna;

- e) Joinville, SC, 1916: com a criação da Associação Beneficente de Senhoras Evangélicas, também se investiu na finalidade de manter um lar de idosos e um jardim de infância. Para abrigar irmãs, foi criada a Vila Helena e ao lado, o próprio Hospital. Neste hospital, hoje chamado de Dona Helena, atuaram muitas irmãs vindas inclusive de outras congregações da Alemanha;
- f) Sinimbu, RS, 1922: neste ano e local foi construído um hospital. Porém, para auxiliar na reestruturação do mesmo, que se encontrava em estado deplorável, foram enviadas em 1929 duas irmãs, quais foram Marta Schreiber e Ilse Stallbaum;
- g) Montenegro, RS, 1911: neste ano foi fundado um hospital na cidade, que, em 1931, passou a ser gerenciado pela irmandade de Wittenberg. Como não havia irmãs disponíveis em Wittenberg, o Hospital Alemão de Porto Alegre cedeu a Irmã Clara Wieser para este serviço;
- h) Agudo, RS, 1936: a Irmã Ella Harz atuou neste hospital por 21 anos. Além da atuação hospitalar, a irmã fazia partos em casa;
- i) Rio de Janeiro, RJ, 1934: já no ano de 1938, vinte e três irmãs de Wittenberg compunham o quadro de pessoas trabalhando no Hospital Alemão do Rio de Janeiro. Além disto, desde 1912, o Amparo Feminino já atuava na cidade. Em 1924 este já abrigava maternidade, lar de idosos e casa de passagem;
- j) Braço do Trombudo, SC, 1936: após muita dedicação, inaugurou-se o chamado *Asilo de Velhos*. Irmã Luise Simon assumiu a direção deste em 1951.

Embora algumas destas instituições hospitalares fundadas sejam em contextos rurais, nem esta pandemia de 2020, nem as outras ocorridas deixaram de contagiar pessoas no contexto rural. Contudo, havia hospitais e irmãs atuando nestes em grandes cidades quando estas gripes e seus contágios aconteceram. Aqui podemos afirmar que o perfil de atuação diaconal da IECLB nas pandemias que de formas severas atingiram o Brasil, 1918, 1957 e 1968 foi a partir do cuidado, enfermagem e assistência à saúde, até mesmo com a motivação para a criação de hospitais que deram conta deste atendimento.



### **Considerações finais**

Traçando um perfil da atuação diaconal da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, em linhas gerais temos a seguinte perspectiva: Quando da chegada das primeiras pessoas imigrantes de confissão luterana ao Brasil, a forma de enfrentamento da crise a por estas encontradas foi a prática da solidariedade. Esta foi uma grande marca para enfrentar os impasses encontrados, pois nem tudo ocorreu como o planejado. A própria viagem da Europa ao Brasil já é passível de ser classificada como uma crise, pois as condições sanitárias e de alimentação não eram boas. Assim sendo, os primeiros anos de luteranismo no Brasil já foram fortemente marcados pela Diaconia, na forma de solidariedade e cuidado.

Infelizmente, não há registros encontrados de relatos especificamente de pessoas que atuaram em pandemias, e aquelas que por estas passaram, no século passado, já não estão mais vivas para alguma entrevista. Entretanto, este artigo quer deixar algumas pistas para evidenciar a forma que a IECLB praticava Diaconia durante as crises pandêmicas, se envolvendo nelas, a partir de hospitais, enfermagem e cuidados. Se partimos para evidências históricas, havendo contágio por todo o país do vírus influenza e suas variações, e, em havendo hospitais, alguns fundados por irmãs diaconisas ou que tiveram em sua trajetória atuação em hospitais, esta é uma evidência de como a Igreja atuou diaconalmente nestes outros tempos de crises.

Ainda que não foi possível encontrar relatos que confirmem esta atuação, os argumentos estão postos, houve doença, houve hospitais e houve quem atuasse na Diaconia, tendo a bênção para este ministério, nestes hospitais. A conclusão a que se chega é a de que a Igreja atuou na diaconia, durante estas outras crises pandêmicas, principalmente na área da enfermagem e cuidado, mas também, na forma da solidariedade com as diversas comunidades evangélico-luteranas em processo de crescimento e expansão no século XX.

Com a mudança no perfil da Igreja e no cenário social e civil, há um desafio para as comunidades de fé agirem e *diaconarem*<sup>10</sup> nesta pandemia do COVID-19. Temos um governo cristofascista e pessoas que dentro da própria IECLB o seguem. Porém, também temos o desafio da dimensão profética da diaconia, a qual indica que se atue denunciando as injustiças que ocorrem, não importando se esta seja promovida pelo presidente do país e suas frentes conservadoras. É

necessário atentar que houve avanços na compreensão teórica e prática da Igreja sobre Diaconia.

Já não se é apenas prática solidária espontânea, pois a IECLB avançou como Igreja na compreensão do que é Diaconia, ainda que há provas de que há muito assistencialismo sendo confundido com Diaconia. Também não se tem mais aquele mesmo perfil de formação para quem atua na Diaconia de forma tão focada e especializada na enfermagem e cuidados. Entretanto, a ação diaconal-comunitária e institucional desde a teoria até a prática não consegue fugir do diálogo com os contextos e sofrimentos para eliminar suas causas, sendo uma destas, no momento, uma necropolítica defensora de um Estado mínimo de direitos que segrega e exclui pessoa negras, LGBTQI+, mulheres, pessoas com deficiência, pessoas idosas, tornando a estas vítimas em potencial, não apenas da pandemia do COVID – 19, mas a partir de todo um entorno que a compõe, a exemplo dos feminicídios que aumentaram com o isolamento social.

O exemplo do Sínodo Nordeste Gaúcho quer servir de motivação para a ação diaconal. É necessário saber que a motivação para a diaconia na Igreja é epistemologia cristológica que conduz à ação e que esta é a identidade diaconal. É necessário, contudo, um olhar contextualizado para a ação, sabendo assim, que em tempos de forças contrárias ao evangelho de amor e misericórdia, se une forças a outras pessoas e instituições que também visam ao mesmo alvo, a superação da crise pandêmica de 2020 e que se estenderá por 2021. O que não se pode, contudo, como Igrejas, é deixar este momento passar e de forma inerte assistir silenciosamente às injustiças, corrupção, mortes e irresponsabilidades acontecendo em nosso país.

A crise permanente de injustiças e corrupção é deixar tudo como está, permitindo que pessoas sejam vítimas deste desgoverno que promove fome, doença e morte. A Igreja é um espaço de produção de saber e prática de ações diaconais transformadoras e proféticas denunciando a essas crises que acontecem ciclicamente para discutir alternativas. E, para isso, mediante planejamento e reflexão teológica pode se mostrar mais na sociedade e estabelecer parcerias.

Uma Igreja diaconal se coloca no lugar da vanguarda, atenta às vulnerabilidades das pessoas e partir delas para teorizar. Contribuir com a vida digna, proposta por Jesus, não combina com a manutenção das injustiças (capitalistas, patriarcais, coloniais, racistas e homofóbicas). Uma Igreja diaconal caminha de

superar necropolíticas tem espaço aberto em organizações sociais variadas para pensar nas alternativas de vida digna.

Temos vivido muitas crises e quarentenas. A superação passa por pensarmos em conjunto todas as demais crises: política, cultural, ideológica, de gênero e racial. Não há receita pronta, mas partindo da realidade e das dores do mundo e estabelecendo parcerias podemos contribuir em práticas diaconais com as palavras de Jesus: Eu vim para que tenham vida e vida em abundância.

### Referências bibliográficas

BEULKE, Gisela. A história do ministério diaconal na IECLB. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo: EST, v.47, n.1 junho de 2007. pp. 144-165. Disponível em: [http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos\\_teologicos/vol4701\\_2007/et2007-1h\\_gbeulke.pdf](http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4701_2007/et2007-1h_gbeulke.pdf). Acesso em 06 de julho de 2020.

BRAKEMEIER, Ruthild. *Um ramo na videira: a Casa Matriz de Diaconisas*. São Leopoldo: Sinodal, 2019.

COSTA, Ligia Maria Cantarino da; MERCHAN-HAMANN, Edgar. Pandemias de influenza e a estrutura sanitária brasileira: breve histórico e caracterização dos cenários. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*. Ananindeua: IEC, v. 7, n. 1, março de 2016. pp. 11-25. Disponível em [http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S217662232016000100002&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217662232016000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 21 de julho de 2020.

CRISE. *Dicionário online de Língua Portuguesa Michaelis*. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/crise/>. Acesso em 19 de julho de 2020.

DREHER, Scheila dos Santos. *Em memória delas: A atuação de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil*. 2016. (sem página). Luteranos. Disponível em <https://www.luteranos.com.br/conteudo/em-memoria-delas-a-atuacao-de-mulheres-teuto-brasileiras-evangelicas-no-sul-do-brasil>. Acesso em 10 de julho de 2020.

FLUCK, Marlon Ronald. 500 anos de evangelização na América Latina. *Boletim Teológico.FTL*, vol./n. 19, 1992. pp. 43-64.

GAEDE NETO, Rodolfo. Diaconia. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José Carlos de; KILPP, Nelson; MUELLER, Enio R.; WONDRACEK, Karin Hellen Kepler; ADAM, Júlio César; HOCH, Lothar Carlos; WACHS, Manfredo Carlos; STRÖHER, Marga Janete; BOBSIN, Oneide; KLEIN, Remí; RIETH, Ricardo Willy; ZWETSCH, Roberto E.; GAEDE NETO, Rodolfo; SINNER, Rudolf Eduard von; WEGNER, Uwe; SCHAPER, Valério Guilherme; HOEFELMANN, Verner. *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

GAÚCHA ZH. *Junho Vermelho lança um alerta: doação de sangue não pode parar*. 2020. (sem página). Disponível em

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/vida/noticia/2020/06/junho-vermelho-lanca-um-alerta-doacao-de-sangue-nao-pode-parar-ckb19w1i3003d015n7ptcvu9x.html>. Acesso em 23 de junho de 2020.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Modelo de Distanciamento Controlado*. 2020 (sem página). Disponível em <https://distanciamentocontrolado.rs.gov.br/>. Acesso em 23 de junho de 2020.

JANDREY, Carla Vilma. *Diaconia e saúde popular*. 2020. (Acervo pessoal da pesquisadora).

KIBUUKA, B.G.L. Complicity and Synergy Between Bolsonaro and Brazilian Evangelicals in COVID-19 Times: Adherence to Scientific Negationism for Political-Religious Reasons. *International Journal of Latin American Religions*. v.4, 2020. pp. 288-317.

MIGALHAS. *Há 102 anos, gripe espanhola paralisou o Brasil*. 2020 (sem página). Disponível em <https://www.migalhas.com.br/quentes/323030/ha-102-anos-gripe-espanhola-paralisou-o-brasil>. Acesso em 20 de julho de 2020.

NORDSTOKKE, Kjell (org.). *Diaconia: fé em ação*. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

PRIEN, Hans-Jürgen. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a IECLB*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001.

PY, F. Bolsonaro's Brazilian Christofascism during the Easter period plagued by Covid-19. *International Journal of Latin American Religions* v.4, 2020. pp. 318-334.

PY, F. *Pandemia Cristofascista*. São Paulo: Recriar. 2020.

ROCHA, Juliana. *Pandemia de Gripe de 1918*. [201-]. (sem página). Disponível em <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=815&sid=7>. Acesso em 20/07/2020.

SANARMED. *Pandemias na História: o que há de semelhante e de novo na Covid-19*. 2020 (sem página). Disponível em <https://www.sanarmed.com/pandemias-na-historia-comparando-com-a-covid-19>. Acesso em 18 de julho de 20.

SANTOS, Rosyleni Alves dos. Verbete Crise In.: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José Carlos de; KILPP, Nelson; MUELLER, Enio R.; WONDRACEK, Karin Hellen Kepler; ADAM, Júlio César; HOCH, Lothar Carlos; WACHS, Manfredo Carlos; STRÖHER, Marga Janete; BOBSIN, Oneide; KLEIN, Remi; RIETH, Ricardo Willy; ZWETSCH, Roberto E.; GAEDE NETO, Rodolfo; SINNER, Rudolf Eduard von; WEGNER, Uwe; SCHAPER, Valério Guilherme; HOEFELMANN, Werner. *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. Crise. p. 217.

SÍNODO NORDESTE GAÚCHO, Coordenação Sinodal de Diaconia. Carta: *Diaconia e COVID-19*. Destinatário: Ministras e Ministros do Sínodo Nordeste Gaúcho. Estância Velha (RS). 07 de abril de 2020.

ZERO HORA. *Farmácias de Porto Alegre registram falta de álcool gel e máscaras*. 2020 (sem página). Disponível em

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/coronavirus-servico/noticia/2020/03/farmacias-de-porto-alegre-registram-falta-de-alcool-gel-e-mascaras-ck7zc6q74064p01oa3qlqwj3x.html>. Acesso em 23 de julho de 20.

---

<sup>1</sup>A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil é estruturada em 18 regiões no Brasil, chamadas de Sínodos.

<sup>2</sup> Dez desses países são pequenas ilhas remotas da Oceania. Coreia do Norte e Turcomenistão são países autocráticos que segundo dados avaliados pela Organização Mundial de Saúde, não são fontes confiáveis de pesquisa sobre o COVID-19.

<sup>3</sup> Termo utilizado pela IECLB para designar a função de um pastor ou pastora que se dispõe a exercer a função de liderança de uma destas regiões em que a Igreja está dividida, os Sínodos.

<sup>4</sup> Esta coordenação é formada por duas pessoas na assessoria teológica, a diácona Marli Blos e o pastor Cláudio Rehsig, uma diácona emérita Vera Nunes, duas pessoas voluntárias na Diaconia do Sínodo, Iloiva Schmidt e Marli Petry. Esta coordenação ainda conta com a assessoria do diácono Dionata de Oliveira e da pastora sinodal Tânia Cristina Weimer.

<sup>5</sup>Dionata Rodrigues de Oliveira, um dos autores deste artigo é o assessor de Diaconia do Sínodo Nordeste Gaúcho.

<sup>6</sup> Fala do professor Kjell Nordstokke, na palestra *Diaconia*, no Encontro Regional da Comunhão Diaconal da IECLB, na Casa Matriz de Diaconisas, em São Leopoldo/RS, em 06 de julho de 2020.

<sup>7</sup> De origem alemã, pois sabe-se que a partir de 1822 vieram outros imigrantes holandeses, suíços, dinamarqueses. Há também autores como Marlon Ronald Fluck que contestam a data da chegada dos primeiros imigrantes alemães. Teriam chegado alguns anos antes em Petrópolis (RJ). FLUCK, 1992.

<sup>8</sup>Precisamos salientar que não foi possível acessar o arquivo histórico da IECLB em função da pandemia de coronavírus. Entretanto, isso não nos prejudica em termos de pesquisa, havendo muito material digitalizado.

<sup>9</sup>Não há registros sobre em que ano esta irmã atuou na área da saúde e cuidado.

<sup>10</sup> O termo diaconar é um neologismo utilizado nos últimos tempos por autoras e autores da área da Teologia prática e diaconia.

*Recebido em 14/10/2020*

*Aceito para publicação em 26/02/2021*